

Categoria  
**Trabalho Acadêmico / Artigo Completo**

## **EM BUSCA DA IDENTIDADE PERDIDA, O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS RIBEIRINHAS DA ILHA CUMPRIDA EM CASTILHO-SP.**

**Fernanda Aparecida da Silva<sup>1</sup>**

**Francisco José Avelino Junior<sup>2</sup>**

**Resumo:** A presente pesquisa tem como intuito analisar e compreender o processo de desterritorialização e consecutivamente reterritorialização das famílias antes ribeirinhas da Ilha cumprida, com a instalação do complexo energético compreendendo este pela junção de construções de usinas hidrelétricas, sendo elas: a usina Eng.º Souza Dias também conhecida como Jupia esta localizada entre os municípios de Três Lagoas MS, Castilho SP e Andradina SP, foi fundada no ano de 1969, já no ano de 1965 iniciou-se a construção de outra usina esta denominada Ilha Solteira, seu nome refere a cidade a qual está instalada, a conclusão desta obra ocorreu em 1978, e em 1980 iniciou-se a construção da usina Sergio Motta localizada em Porto Primavera ambas pertencem à empresa CESP Companhia Energética do Estado de São Paulo. Diante deste gigantesco complexo, surgiram varias implicações no que tange os impactos sócio ambientais, pois com a instalação das usinas em questão, inúmeras famílias perderam suas moradas, seus trabalhos, costumes, enfim perderam a própria identidade, uma vez em que o modo de vida fora totalmente mudado, diante desse cenário a pesquisa em questão vem analisar as falas dos sujeitos atingidos por tal situação através do recolhimento de fontes orais.

Palavras chaves: Impactos. Desterritorialização. Fontes orais.

---

<sup>1</sup> Mestranda pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email fergeo1@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Dr. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email chinaufms@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A construção de inúmeras hidrelétricas teve seu auge inicialmente na década de 1950, quando o foco dos governantes era de transformar o Brasil em um país industrializado por acreditarem que ao construírem inúmeras hidrelétricas o progresso se instalaria no país. Aliado ao desejo dos governantes está a condição natural favorável para a construção das hidrelétricas sendo, grandes rios e índices pluviométricos favoráveis em certas regiões do Brasil. Além de ser considerada uma fonte de energia limpa por não emitir poluentes químicos na natureza.

Entretanto os maiores impactos gerados pelas construções de hidrelétricas envolvem as populações ribeirinhas, por estas serem forçadas a sofrerem o processo de desterritorialização pelas alterações no meio natural que antes habitavam.

Segundo Guatarri e Rolnik (1986 p. 323 Apud Haesbaert, 2004 p. 127):

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que os territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquímicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais.

O uso das fontes orais como método de abordagem sobre “des” territorialização e reterritorialização.

Para análise de tal processo usou-se como metodologia leitura e fichamento do referencial teórico juntamente com saída de campo no reassentamento Jupirá com o intuito de recolher e registrar fontes orais, estas transmitidas através da fala de alguns sujeitos entrevistados. As fontes orais se apresentam de grande relevância neste estudo uma vez que é através dos relatos de vida que identificaremos os diferentes processos das desterritorialidades.

Optou-se pelo método de pesquisa o uso das fontes orais por acreditar que as mesmas revelam com detalhes fatos ocorridos no passado e no presente, e que estes ao serem relatados pelos próprios sujeitos que participaram do processo a ser analisado trará a tona novas perspectivas da percepção do real.

Neste sentido compartilhamos da seguinte concepção de Bosi apud Santos :

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudessem servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuarem-se na história de sua vida” (BOSI,2004:37)

Entende desta forma que o uso das fontes orais é de suma importância, pois nos proporcionam a análise de fatos até então inéditos, a partir deste método as classes oprimidas ganham o direito a terem voz, voz esta que por não pertencerem a classe hegemônicas não são escutadas, dessa maneira acredita-se que os relatos de vida recolhidos através das entrevistas se torna uma estratégia que permite dar voz as classes oprimidas ate então não ouvidas.

O intuito do uso desta pratica foi o de propiciar espaços a estas vozes dos próprios personagens da história, entrevistando-os, transcrevendo o material coletado e materializando estas falas, como relata Maria Janoti e Zita Rosa (1992, p12), “ao dar voz aos vencidos, acreditou-se estar abrindo mão do espaço do cientista para que o outro falasse e assim redimisse o grupo”, no entanto compete ao pesquisador o papel de construir a explicação científica.

Ou seja, se torna papel do entrevistador dar coesão às falas, reescrevendo-as, selecionando os depoentes, criando assim uma inter-relação com o tema em questão, estabelecendo uma relação entre a fala e o tema, sem deixar de relacionar a pratica com a teoria.

A pesquisa de campo ainda objetivou- se em utilizar das fontes orais pelo fato das mesmas apresentarem importantes premissas uma vez em que, em muitos casos é através da fala que se torna possível suprir lacunas, em outros ate chegam a contrapor registros de fatos deixados pela classe hegemônica.

Segundo Almeida

Isso significa dizer que as classes dominantes têm uma tradição escrita que permite deixar um abundante registro, ao contrario das demais classes. Entendemos ainda que, embora o trabalho com fontes orais não seja para nos um

instrumento de conscientização política, ele permite a superação da pretensa prática da neutralidade na pesquisa. (ALMEIDA, 2006: 42)

Nesse sentido partimos do pressuposto de que os sujeitos entrevistados são os próprios construtores do seu cotidiano, e desta maneira os seus relatos expressam suas experiências vividas suas perdas e conquistas expressando assim uma riqueza nos detalhes dos acontecimentos que somente o próprio sujeito que as vivenciou poderia relatar.

Acerca deste método Alberti observa: “É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa e acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu”. (2004, p. 14).

Ainda para Almeida o uso das fontes se torna:

Uma das premissas importantes no trabalho com fontes orais é a de que essas têm ainda se constituído no caminho por excelência da história das classes oprimidas, uma vez que as entrevistas permitem que as “pessoas comuns” contem sobre fatos que, na maioria das vezes, são inéditos no tocante à história das classes não-hegemônicas, verdadeiras “áreas inexploradas”. (2006, p 42).

Desse modo utilizar fontes orais se torna uma oportunidade de entrar em áreas até então inexploradas, ao escutar e transcrever as falas obtidas através de entrevistas faz com que ocorra um resgate de sentimentos, acontecimentos até então menosprezados. Através da escolha e utilização deste método foi possível captar nas falas informações acerca do processo histórico ocorrido, observamos através dos relatos os impactos desastrosos sofrido pela população ribeirinha. As constatações aqui presentes neste trabalho só foram possíveis através da análise dos relatos, onde os mesmo partilharam suas lembranças, muitas vezes entrelaçadas a emoções ora alegres ora tristes.

Cabe ressaltar que não foram utilizadas todas as falas na escrita do trabalho, porem as mesmas serviram para delinear o foco da pesquisa.

O trabalho de campo e, portanto as visitas com o intento de recolher informações proporcionou uma melhor compreensão a cerca da luta das famílias que residiam as margens do rio Paraná para se restituírem em outro local.



## DESENVOLVIMENTO

A desterritorialização das famílias ribeirinhas ocorreu com a territorialização da construção do complexo hidroelétrico, pois para o funcionamento das usinas se fez necessário alagar uma extensa área, ocasionando desta forma a perda de territórios até então habitados. O seguinte trecho retirado de um documento da Comissão Pastoral da Terra traduz a lástima vivida pelos ribeirinhos.

Todos os anos é sempre a mesma coisa a água vinha e levava nossa lavoura, derrubava nossas casas tínhamos que correr, senão perdíamos também a vida. Em fevereiro de 1983, foi a pior enchente. A água subiu tanto que cobriu a ilha, levando tudo embora. Ficamos sem casa, sem lavoura, sem terra. Todo mundo perdeu. Não tinha quem não chorasse de desgosto. Morando em barracos e comendo da comida da Defesa Civil. Mais de um ano só no feijão, arroz e jabá. Alguns voltaram. Outros não tinham como recomeçar. Dias, semanas, meses debaixo do barraco. A água só não levou a esperança, porque é a última que morre!  
(COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, *Apud* LOPES BORGES, 2009, p.10)

Diante deste gigantesco empreendimento energético as famílias que antes habitavam as margens do rio Paraná tiveram que desocupar a área, para dar lugar ao reservatório da usina, tal ato gerou consequências irreversíveis na vida de inúmeros ribeirinhos, pois a desocupação obrigatória desta área ocasionou perdas do patrimônio histórico, cultural, enfim toda uma história concreta de vida, ficou submersa pelas águas do rio Paraná. Cabe salientar que também fazem parte do grupo de atingidos pessoas que residiam em outro local e somente trabalhavam utilizando o rio como objeto de trabalho, se qualificam nesse caso, pescadores que apesar de não morarem próximos as margens do rio, dependiam do mesmo para retirar o sustento da família, também se enquadra nesta situação pequenos produtores, sitiantes, ceramistas entre outros.

Perante a situação os antigos moradores da Ilha Cumprida inseridos neste contexto, perderam substancialmente suas identidades, uma vez que foram expropriados de suas terras, deixando para trás mais do que pertences pessoais, deixaram toda uma história de vida a suas raízes.

Esta perda de identidade se agrava pelo fato dos ribeirinhos considerarem o espaço antes habitado “as margens do rio”, não apenas como um instrumento monetário, mas sim como um espaço de reprodução familiar, um lugar de apego, de heranças históricas, de relações sociais, ou seja, este espaço representava morada da vida.

Cabe aqui ressaltar que o fato marcante para a saída dos ribeirinhos das margens do rio Paraná, foi a enchente ocorrida no ano 1983, segundo relatos ocorreu em fevereiro, inundando toda a área habitada pelos ribeirinhos, o alagamento foi ocasionado pela abertura das comportas das usinas Souza Dias e Ilha Solteira, o volume de água encheu o reservatório da usina Sergio Motta, ocasionando desta forma inundações e conseqüentemente o alagamento total da Ilha cumprida.

Com a enchente inúmeras famílias ficaram desabrigadas, como forma de sanar a falta de moradia dos desalojados, foram criados pela CESP 18 reassentamentos, em Castilho foi criado o reassentamento Jupιά.

Ao indagar a senhora. R. S moradora do Reassentamento Populacional de Jupιά, sobre o acontecido da enchente de 1983, a mesma responde:

Foi uma tortura, a água foi suspendendo, subindo subindo, tivemos que sair e deixar tudo para trás, perdemos tudo o que tínhamos, na época tínhamos plantado no quintal amendoim, milho, arroz, feijão, pra nossa tristeza ficou tudo encoberto pela água.

Mas a sequela maior aconteceu com meu irmão que desde desta época ficou com trauma, na época da enchente ele ainda era rapaz muito jovem, e no dia naquele momento de desespero de agonia ele tentou ajudar muita gente, e por não ter conseguido ajudar, ele ficou muito abalado, depois desse dia pra cá ele começou a ter desmaios frequentes, a gente acha que esses desmaios foi por causa do trauma da enchente de ver todo aquele povo desesperado, pedindo ajuda.<sup>3</sup>

Ainda entrevistando a mesma senhora perguntei como ficou a sua vida após a mudança para o reassentamento Jupιά:

Aqui é muito diferente, lá na Ilha a gente tinha o peixe a terra era boa, lembro que na época quando aconteceu a enchente meu pai iria colher uma roça grande de feijão, e o lugar era tão bonito. Aqui não é ruim não, mais aqui não tem peixe para a gente pescar.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada por Fernanda Aparecida da Silva no populacional de Jupιά, o nome da entrevistada foi reservado utilizando apenas abreviações, a entrevista foi realizada no dia 18 de julho de 2012.

Segundo dados mencionados por Lopes & Borges (2009) antes do desastre provocado pela enchente de 1983, viviam aproximadamente 100 famílias na Ilha Cumprida.

É possível observar nas pausas da conversa o sentimento de tristeza acompanhado pela lembrança de momentos dolorosos.

Ao entrevistar a senhora J, O solicitando que a mesma relatasse como foi o dia da enchente, ela responde:

Começou como uma enchente normal, eu falo normal porque a gente já estava acostumados com as enchentes do rio, todo ano o rio enchia, só percebi que o negocio era serio quando vi um helicóptero passando por cima da Ilha, e também percebi porque a agua já estava rente ao barranco coisa que eu nunca tinha visto, foi dai que começamos a preocupar.

Meu marido foi correndo pedir ajuda no vizinho, ele voltou com um barco pois naquele dia estávamos sem barco, dai mais do que depressa coloquei meus filhos no barco e saímos, Se deu para salvar alguma coisa? “risos” quase é que morremos moça, não deu para salvar nada não também só estávamos com um barco o jeito foi pularmos dentro e ir embora dali<sup>4</sup>.

As falas acima evidencia que as perdas ultrapassam os bens materiais uma vez em que esses foram readquiridos com o passar do tempo, a perda irreversível neste cenário esta no que tange a identidade pois nem mesmo a relocação destas famílias em outra área foi ou será capaz de trazer de volta as suas raízes.

As frustrações concentram-se basicamente nos elementos identitários dessa comunidade, as alterações territoriais enquanto espaço físico, mas também enquanto espaço simbólico, onde há uma identidade própria das famílias com o ambiente e a comunidade. O imaginário não é inundado, nem passível de reassentamento, muito menos indenizado. A memória histórica e cultural fica presente na vida dessas famílias que, ao tentar recriá-los no novo território físico, frustram-se ao notar que o ambiente está descaracterizado das condições de outrora. (SOUZA, 2005, p.155)

## CONCLUSÃO

---

<sup>4</sup> Entrevista realizado por Fernanda Aparecida da Silva, o nome da moradora foi reservado, utilizando apenas abreviações entrevista realizada no dia 18 de julho de 2012.

Conclui-se que a maior consequência de todo este processo de desenraizamento foi a perda da identidade, pois com a expropriação das famílias ribeirinhas das margens do rio houve a necessidade de uma mudança severa nos hábitos, com esta mudança forçada muitos ribeirinhos já não se reconhecem, uma vez que de ribeirinhos passaram a ser agricultores.

Diante dos fatos foi constatado que a maioria destas famílias sobrevivia da pesca, porém com a mudança tiveram que reconstruir não somente suas casas como também uma nova identidade, reconstruindo vínculo com o novo território que lhes fora imposto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir, Contar** - Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Rosemeire A.. **(Re)criação do Campesinato, Identidade e Distinção: a luta pela terra e o habitus de classe**. 1. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2006. v. 1. 377 p

ARANHA, SILVA, Edima. **As Usinas Hidrelétricas e a (des)territorialidade no Brasil**. In: Sílvia Regina Perira; Benhur Pinós da Costa; Edson Belo Clemente de Souza. (Org.). Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, v. , p. 197-215.

BORGES, Maria Celma. As fontes orais e a terra: práticas e representações camponesas no Pontal do Parapanema. Revista Eletrônica da AGB, v. 1, n.1, 2004

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Bertrand Brasil; 6ª edição, 2011





SANTOS, Carlos Alexandre B P. **Fiéis descendentes: Redes irmandades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul- mato-grossenses.** 2010.477. Tese (Doutor em Antropologia Social). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília 2010

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Reordenamento sócio-econômico e cultural das famílias atingidas pela UHE Engº. Sérgio Motta: Reassentamentos Pedra Bonita e Santa Emília/ Santa Brasilândia – MS,** Dissertação de Mestrado; Presidente Prudente, 2005.

LOPES, Raquel dos Santos & BORGES, Maria Celma. **Da enchente de 1983 ao reassentamento: história e memória dos ribeirinhos de Ilha Comprida na região do alto Paraná.** 2009